

AS INFLUÊNCIAS E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO MOVIMENTO FEMINISTA E SUAS VERTENTES

THE INFLUENTES AND THE SOCIO-HISTORICAL CONTEXT OF THE RISE OF FEMINISM MOVEMENT AND ITS VARIATIONS

¹OLIVEIRA, Amanda C.; ¹MANFRIN, Giovanna; ¹RODRIGUES, Patrícia; ¹TANCREDO, Thalita;
²CARVALHO, E. L. L.; ²PEREZ, D. K.; ²MICHELETTI, L. R.

^{1e2}Departamento do Curso de Psicologia - Faculdades Integradas de Ourinhos–FIO/FEMM

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de verificar se há conhecimento e informações suficientes para haver fundamentação científica nas críticas ao feminismo. A pesquisa foi baseada em artigos científicos sobre vertentes feministas como o Feminismo Liberal, Feminismo Radical, Feminismo Interseccional e sobre a luta feminista nos dias de hoje. Foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa com os alunos das Faculdades Integradas de Ourinhos da Fundação Educacional Miguel Mofarrej, dos cursos de Psicologia, Direito e Bacharelado em Sistema de Informação (BSI). Um questionário desenvolvido pelas autoras foi utilizado para avaliar se as críticas ao feminismo têm embasamento científico. Avaliou-se vários quesitos como o sexo, curso e termo, idade, religião, cor, renda, se os participantes são filhos de pais separados, qual veículo de comunicação com que teve o primeiro contato com o feminismo, pediu-se para citar algum acontecimento histórico relacionado ao movimento, perguntou-se se o participante se considerava feminista e se acreditava nas reivindicações feitas pelo movimento, se o feminismo poderia combater a violência contra a mulher, se homens e mulheres podem exercer a mesma função em um ambiente de trabalho e por último foi questionado se os participantes conheciam alguma vertente feminista. Concluiu-se que grande parte dos participantes se mostraram conscientes em algumas respostas, mas que não possuem informações suficientes para fundamentarem suas críticas.

Palavras-chave: Feminismo. Vertentes feministas. Violência contra mulher.

ABSTRACT

This research was conducted in order to verify if there is sufficient knowledge and information to be scientific grounding in critical feminism. The research was based on scientific articles on feminist aspects as the Liberal Feminism, Radical Feminism, Feminism Intersessional and the feminist struggle today. Was conducted a quali-quantitative research with students of the Integrated Colleges of Ourinhos of Educational Miguel Mofarrej Foundation was held of Psychology, Law and Bachelor of Information System (BSI). A questionnaire developed by the authors was used to assess whether the criticism of feminism are scientific based. Was evaluated several issues such as sex, course and period, age, religion, color, income, if the participants are children of divorced parents, which communication vehicle that had the first contact with feminism, it was asked to name some historical event related to movement, wondered if the participant was considered feminist and believed the claims made by the movement, if the feminism could combat violence against women, if men and women can have the same function in the workplace and ultimately was asked if the participants knew some feminist aspects. It is concluded that a big part of the participants were aware of some answers, but do not have enough information to substantiate their criticism.

Keywords: Feminism. Feminist aspects. Violence against women.

INTRODUÇÃO

Há muitas críticas negativas a respeito do movimento feminista, isso vai desde pessoas que apontam pontos que podem ser melhorados até àquelas que simplesmente não concordam com as ideias propostas pelo movimento, mas será que

as pessoas, em especial os jovens, têm embasamento e, sobretudo conhecimento suficientes para formular suas críticas e opiniões? A presente pesquisa se faz necessária para saber se há conhecimento suficiente por parte dos jovens para haver fundamentação científica nas críticas sobre o feminismo.

A Revolução Francesa ocorreu no século XVIII baseada nos conceitos de igualdade, liberdade e fraternidade, mas em seu movimento podem ser identificadas algumas contradições como a permanência da escravidão e a exclusão das mulheres na política. Para os filósofos iluministas o homem é superior à mulher por causa da diferença biológica e intelectual presente entre os dois sexos, ou seja, na mulher é o útero que vai definir sua personalidade e forma de pensar, já no homem o que vai predominar é a razão. Assim o autor destaca que no período da Revolução Francesa, na qual há a busca pela igualdade, a mulher é considerada inferior ao homem por causa de sua excessiva sensibilidade, o que atrapalha a inteligência feminina, com isso procura-se justificar a negação dos direitos políticos e civis as mulheres. (SOUZA, 2003).

Nesse período surge a primeira fase do feminismo. As reivindicações das mulheres referem-se ao direito à educação, ao direito à vida política, iniciada pelas sufragistas, aos direitos das mulheres trabalhadoras e em relação à proteção à maternidade. Com isso é caracterizada a Primeira Onda ou Feminismo Liberal. No Brasil, o movimento feminista se inicia pelo direito ao voto, pelo direito ao acesso a cursos superiores e também à ampliação do mercado de trabalho, assim percebe-se que as mulheres nesse período visavam à emancipação nas diferentes esferas sociais. (SILVA, 2008).

A autora ainda traz que a desmobilização do movimento feminista liberal ocorreu em vários países no século XIX, em decorrência dos conflitos gerados pela Primeira Guerra Mundial, da crise econômica na década de 20 e da concessão ao voto ocorrida em diversos países durante as décadas de 20 e 30, o que permitiu o surgimento da Segunda Onda do Feminismo ou Feminismo Radical, sendo um movimento de lutas radicais contra toda forma de opressão às mulheres.

A Segunda Onda do Feminismo trouxe consigo uma grande atividade de investigação acadêmica a respeito da origem das desigualdades sexuais. A corrente radical do movimento feminista partiu do pressuposto de que a origem de todo tipo de desigualdade social presente em todas as sociedades existentes está no patriarcado,

teoria que culpa o homem pela opressão às mulheres e que necessita da diferenciação entre os sexos para se manter no poder. (SILVA, 2008).

A autora ainda explica que as feministas radicais são na grande maioria das vezes engajadas em militância, ou seja, buscam transformação e agem de maneira ativa na maioria das vezes. Elas defendem que todas as instituições formais são criações do homem, portanto de caráter patriarcal, por isso devem ser rejeitadas. As feministas radicais sofrem certa rejeição por parte das outras feministas, principalmente liberais, que criticam a forma como elas se posicionam em relação aos homens, o que chamam de “guerra dos sexos”.

No Brasil, com a ocorrência do golpe militar e da ditadura, as feministas foram proibidas de se manifestar, principalmente aquelas mais militantes, já que os militares utilizavam de seu poder coercitivo para destruir qualquer possível ameaça e oposição ao seu governo. Contudo, a partir dos anos 70, resistindo ao regime opressor da época, se inicia uma continuidade do movimento feminista, ainda que velada, mas muito importante para fortalecer o movimento. (OLIVEIRA; CASSAB, 2014).

A crítica feminista à produção do conhecimento científico não somente nos traz uma contribuição a ciência, mas amplia o nosso olhar às questões de desigualdade entre gêneros. O desenvolvimento da ciência tem sido historicamente influenciado juntamente com a cultura social, aderindo-a a um processo para homens. Tal constatação não provoca a exclusão de mulheres, mas é evidente que a presença delas nas áreas de estudos científicos é bem menor comparada à dos homens, por isso "pressupõe-se que a existência de um sujeito universal já não é mais plausível, e isso vale tanto para o eu masculino como para a tardia individualidade feminina." (BANDEIRA, 2008, p. 208). Não somente o movimento feminista, mas outros grupos e vários movimentos veem trazendo a crítica à ciência moderna, pela exclusão das mulheres em seus fazeres. Diante a essas críticas temos contado com dados que mostram uma rígida diferença entre gêneros.

Segundo Bandeira (2008), se voltarmos para o passado e repararmos na diferença entre homens e mulheres, conseguimos perceber uma forte influência da Teoria da Evolução, de Charles Darwin. A mulher escolhia o seu parceiro evidenciando o mais forte para a caça e a colheita agrícola. Quanto mais eficaz o homem fosse, mais alimentos, saúde e vida ele proporcionaria à sua parceira. A ciência comprova que o sexo masculino possui uma força muscular maior do que o sexo feminino, sendo assim, o homem é quem saía para caçar. Com o decorrer do

tempo e a evolução da agricultura, os primeiros conhecimentos científicos apareceram. Com a engenharia e a matemática, juntamente a mão de obra, deu-se início a construção de casas, prédios, comércio, etc., enquanto a mulher ficava em casa cuidando da prole. Dessa forma, uma cultura se iniciava, o sexo feminino deveria ficar em casa, cuidando dos filhos e tarefas domésticas, enquanto o sexo masculino tinha como responsabilidade caçar, alimentar e proteger o resto da família, o que torna a mulher completamente dependente de seu parceiro. Percebeu-se o quanto a cultura social é uma forte influência na vida de todos. A inquietude das mulheres originou uma luta para mudar esta situação de desigualdade na qual se encontravam, com isso "formulou-se a crítica ao potencial reflexivo que portava tal racionalidade, uma vez que os/as cientistas são demarcados/as também como portadores/as de características de gênero, raça, classe social e cultural." (BANDEIRA, 2008, p. 210).

O movimento feminista traz consigo várias vertentes. Uma delas é o Feminismo Interseccional, que preza não somente a igualdade entre gêneros, mas a igualdade entre humanos. Não limita a mulher e nem cria regras que ela deva seguir por conta de todo o contexto histórico e cultural. O feminismo interseccional amplia o olhar do ser humano e se questiona do porquê de tudo, inclusive a ciência, como citado acima. Para essa vertente "o sentido dado ao gênero numa dimensão analítica, só é possível com a adoção de novos paradigmas teóricos." (CONCEIÇÃO, 2009, p.744). Portanto, para o feminismo interseccional, a mulher deve ter a mesma liberdade de escolha que o homem, já que ambos possuem a mesma capacidade de exercer variadas funções.

Como vimos, a história da luta das mulheres por igualdade de direitos é relativamente recente. Porém, cada época corresponde às necessidades inseridas no meio em que a mulher se encontra. Atualmente as lutas feministas, apesar de focar na igualdade do gênero desde o começo, não tem os mesmos propósitos que antigamente.

De acordo com Sarti (2001), a resistência da mulher aos constrangimentos e à violência durante a ditadura militar, implicou a atuação conjunta da oposição, ou seja, o movimento acabou sendo prejudicado por questões intrínsecas que não dizem respeito ao feminismo. Com o tempo, a conjuntura política se agravou, constituindo um impasse ao feminismo, de um lado a dificuldade de ligação entre a luta política contra a opressão social e histórica da mulher; e do outro, o fato do feminismo se referir a mulheres em contextos políticos, sociais e culturais, "o que implica recortes e clivagens que dividem estruturalmente o mundo que se identifica como feminino."

(SARTI, 2001, s/p). O tempo demonstrou que as implicações e os impasses do feminismo não se resolviam tão facilmente como se desejava, por se tratar de questões de ordem política.

No entanto, com muita resistência, foi-se abrindo espaço para se trabalhar em torno da questão da violência contra a mulher, o que proporcionou mais visibilidade as necessidades da luta feminista. Nesse contexto o Estado teve um papel, importante, para desempenhar na punição e prevenção da violência contra a mulher na sociedade brasileira, no entanto, é essencial destacar que essas mulheres lutaram para conquistar esse espaço. (COELHO, 2014).

O autor segue dizendo que além da questão da violência contra a mulher, em que o Estado propôs medidas de segurança as vítimas e punições aos agressores, os acessos às redes sociais tornaram possível que mulheres dissessem o que sentem em relação ao mundo de hoje, em torno de questões como o assédio nas ruas, relatos sobre estupros, situações de desvalorização do trabalho, etc. Esses impulsos do feminismo têm ganhando cada vez mais forças, e assim o movimento foi ficando mais conhecido e falado.

O movimento feminista hoje se caracteriza como sujeito político e cultural do coletivo das mulheres, propondo projetos fundamentados na liberdade e autonomia das mulheres, questionando os sistemas sociais que determinaram historicamente o gênero atribuído às mulheres. (NASCIMENTO, 2015).

Diante disso, esta pesquisa busca discutir as linhas teóricas e as influências políticas, sociais e culturais do movimento feminista analisando se as opiniões e críticas feitas ao feminismo realmente têm embasamento e fundamentação em conhecimento.

MATERIAL E MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa descritiva quali-quantitativa. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário a 72 alunos dos cursos de Direito, Psicologia e Bacharel em Sistemas de Informação do período noturno das Faculdades Integradas de Ourinhos.

O questionário foi composto por 21 questões, sendo 11 fechadas, 7 abertas e 3 mistas (Apêndice 1), com objetivo de analisar se os alunos possuíam o mínimo de conhecimento acerca do feminismo para fundamentar suas críticas a respeito dos movimentos. Os alunos foram convidados em sala de aula a responder o questionário,

sendo que não houve um sistema de escolha dos participantes. A coleta ocorreu somente após os coordenadores dos respectivos cursos autorizarem e os alunos assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 2).

Para a análise dos resultados, optou-se pela utilização de gráficos de coluna, método estatístico não probabilístico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 72 participantes 51% são do sexo feminino e 49% do sexo masculino. Em relação aos cursos, 51% são do quinto termo do curso de Direito, 27% são do nono termo de Psicologia e 22% do primeiro termo de BSI.

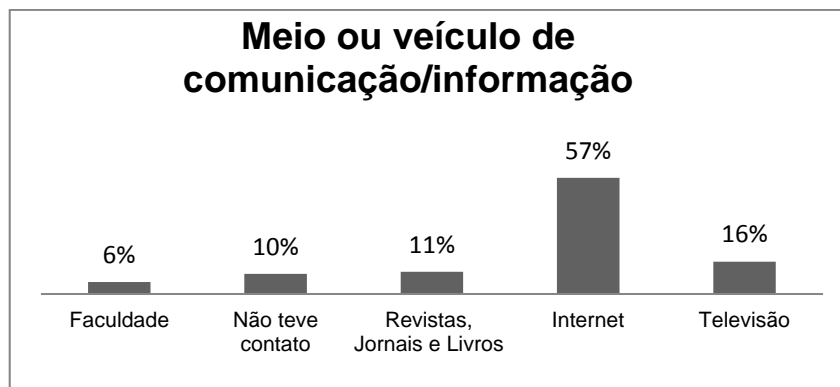
A respeito da idade dos participantes constatou-se que 40% têm entre 17 e 21 anos, 42% têm entre 22 e 26 anos, 7% têm entre 27 e 31 anos, 1% têm entre 32 e 36 anos, de 37 a 41 anos são 4% e 6% da amostra foi composta por participantes com idades entre 42 e 60 anos. Quanto a religião 69% se declararam Católicos, 17% Evangélicos, 7% são de outras religiões e 7% se afirmaram ateus, sem religião ou não responderam. Declararam-se praticantes de sua religião 71% dos participantes, enquanto 26% disseram-se não praticantes, 3% não responderam.

Em relação a cor, 80% disseram ser brancos, 11% pardos, 4% negros, 1% de outras cores e 3% não responderam. Com relação a renda familiar 17% declararam ser entre R\$881,00 e R\$1.760,00, 24% entre R\$1.761,00 e R\$2.640,00, 22% entre R\$2.641,00 e R\$3.520,00, 36% acima de R\$3.521,00 e 1% não respondeu.

Dos participantes, 32% são filhos de pais separados. Foi questionado também a respeito de quem mora com os participantes, sendo que a maioria reside com ambos os pais, alguns apenas com a mãe ou apenas com o pai, outros declararam morar com o cônjuge e uma pequena parte dos participantes moram sozinhos ou com amigos ou com outros parentes.

Quando perguntado quanto ao meio ou veículo de comunicação/informação com que os participantes tiveram o primeiro contato com o movimento feminista 57% disseram Internet, 16% televisão, 11% revistas, jornais e livros, 6% faculdade e 10% alegaram nunca ter tido contato com o movimento. (Dados ilustrados na figura 1).

Figura 1. Distribuição dos dados obtidos quanto ao meio ou veículo de comunicação/informação com que teve o primeiro contato com o movimento feminista.



A internet apesar de armazenar conteúdos confiáveis e muito bons exige um certo cuidado com relação às informações e opiniões disponibilizadas em toda sua extensão, por isso, dependendo do lugar em que é realizada a pesquisa e o comprometimento da pessoa em verificar a veracidade do que consome na internet, ela pode ser não ser considerada uma fonte segura de conhecimento para se fundamentar uma opinião acerca de algo.

Foi questionado se havia algum fato ou acontecimento histórico que os participantes conseguissem relacionar com o feminismo. Os que disseram “*não*” foram 74% dos participantes, dos 21% que disseram “*sim*”, alguns não apresentaram nenhum fato ou acontecimento histórico, a grande maioria relacionou o feminismo ao dia 8 de março, em que se comemora o dia internacional da mulher, uma parte considerável relacionou à conquista do voto feminino, alguns poucos relacionaram ao contexto da ditadura militar e às torturas sofridas pelas mulheres na época, uma pequena parcela relacionou ao evento denominado de marcha das vadias e o restante relacionou ao movimento de 1920 em que mulheres se recusaram a usar espartilhos. De todos os participantes, 5% não responderam à essa questão.

A conquista do voto feminino, como dito por Pinto (2010), é constante e facilmente relacionada ao feminismo, principalmente o radical, por sua significância e por ter sido marcada por uma grande mobilização feminina envolvendo manifestações e protestos algumas vezes violentos. As sufragetes, como ficaram conhecidas, surgiram na capital inglesa e, após vários protestos, greves e até mesmo a morte de uma de suas integrantes, conquistaram o direito ao voto em 1918.

Quando questionado se o participante se considerava feminista e o porquê a minoria respondeu que sim, no entanto, uma pequena parte destes não justificou, a maioria se afirmou feminista por defender a questão da igualdade entre homens e

mulheres e por lutar por direitos iguais para todos e o restante declarou-se feminista por não concordar com a sociedade extremamente machista em que vivem e por não aceitarem a violência contra as mulheres. Ainda entre os participantes que se declararam feministas, observou-se que 50% são homens e 50% mulheres. Os que afirmaram não serem feministas foram maioria, destes uma grande parcela não justificou, alguns disseram que apesar de não se considerarem feministas acreditam e concordam com a sua busca por igualdade, uma pequena parte se declarou contra qualquer tipo de extremismo e por isso não concordam com a ideologia feminista, alguns participantes disseram não ter conhecimento suficiente a respeito do feminismo para se declarar feminista, uma pequena parte não se considera feminista por serem homens e o restante considera o movimento feminista um exagero. Dos participantes que não se consideram feministas 71% são homens e 29% mulheres. Ainda a respeito dessa questão alguns participantes declararam não saber se são feministas ou se consideram parcialmente, uma pequena parte não respondeu.

Com relação às reivindicações feministas, foi questionado aos participantes se eles acreditavam que fossem de fato legítimas. Os que disseram sim foram 67%, 26% afirmaram não saber, 1% disseram que não e 6% não responderam. (Figura 2).

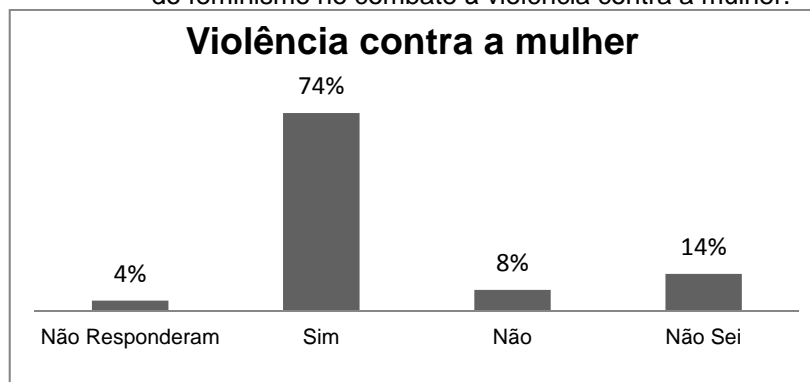
Figura 2. Distribuição dos dados obtidos quanto ao respeito da opinião acerca da legitimidade das reivindicações feministas.



Quando perguntado se o feminismo exerce, de alguma forma, influência na vida do participante 40% responderam sim, 39% não, 17% não sei e 4% não responderam. Foi questionado aos participantes se eles acreditavam que a luta feminista beneficia a sociedade integralmente sendo que 68% disseram sim, 18% disseram não saber, 11% disseram não e 3% não responderam.

Com relação à violência contra a mulher questionou-se se os participantes enxergavam o feminismo como uma maneira de combater essa violência. Dos questionados 74% responderam sim, 14% não sei, 8% não e 4% não responderam. (Figura 3). Coelho (2014) lembra também da importância da atuação do Estado no combate à violência contra a mulher, propondo medidas de seguranças e punições para as vítimas e para os agressores respectivamente, ressaltando a luta das mulheres para conquistar esse espaço concedido pelo Estado.

Figura 3. Distribuição dos dados obtidos a respeito da possível ação do feminismo no combate à violência contra a mulher.

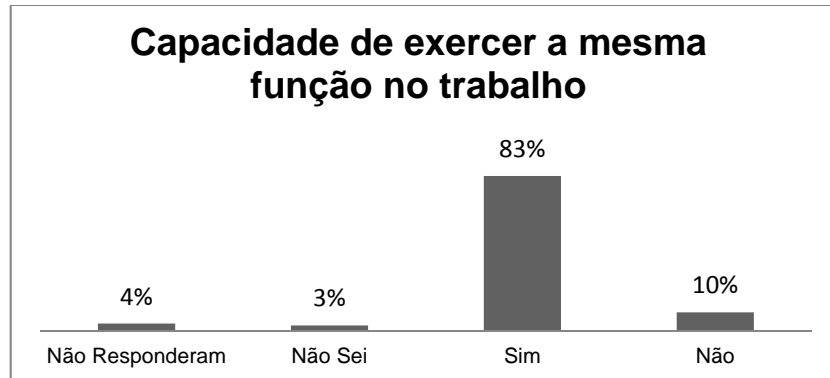


Considerando o atual cenário sociopolítico mundial, foi perguntado aos participantes se eles veem o feminismo como algo realmente necessário sendo que 68% responderam que sim, 10% que não, 19% disseram não saber e 3% não responderam. Como explicado por Souza (2010) o contexto, tanto histórico e político quanto o cultural, influenciaram diretamente no surgimento das reivindicações feministas e do movimento propriamente dito, por isso é importante analisar o contexto atual para julgar a necessidade do feminismo.

Com relação à capacidade de exercer as mesmas funções em um determinado ambiente de trabalho questionou-se se homens e mulheres são igualmente capazes nesse quesito. Dos participantes 83% responderam sim, 10% não, 3% não sei e 4% não responderam. (Figura 4).

Se estabelecermos um paralelo com a ideia de Bandeira (2008) nota-se que a cultura de que o homem é o responsável por trabalhar fora e a mulher cuidar da casa está ultrapassada. Hoje em dia a mulher não só trabalha fora, muitas vezes ela é a única responsável pela renda familiar.

Figura 4. Distribuição dos dados obtidos a respeito da capacidade de homens e mulheres de exercer a mesma função em um ambiente de trabalho.



Na última questão, dissemos que o movimento feminista possui vertentes e que as mesmas divergem em determinados pontos, com isso questionamos se os participantes conheciam alguma dessas vertentes e se sim, que dissessem o nome e o que a vertente reivindica. Dos 72 participantes a grande maioria declarou não conhecer nenhuma vertente feminista ou não respondeu. Dos que responderam sim, alguns poucos não apresentaram vertente alguma, o restante declarou conhecer as vertentes liberal e radical, sendo que a liberal busca a igualdade de direitos entre os gêneros e a radical busca a supremacia feminina perante a sociedade. Ainda a respeito dessa questão, observou-se que todos os participantes que disseram conhecer alguma vertente feminista e a apresentaram juntamente com suas reivindicações são do curso de Direito, sendo 63% homens e 37% mulheres.

CONCLUSÕES

Ao analisarmos os dados obtidos observamos a predominância da internet como fonte de informações entre os participantes. Como já citado, a internet dependendo de como e quem pesquisa pode não ser uma boa base para fundamentar opiniões, pelo menos não sem complementação de fontes mais seguras.

Se partirmos do pressuposto de que é preciso certo conhecimento para falar sobre determinados assuntos destaca-se a pobreza de argumentos e falta de conhecimento a respeito do posicionamento dos participantes frente ao feminismo e tudo que ele engloba, desde seu surgimento até os dias atuais.

Conclui-se que apesar de em alguns aspectos se mostrarem conscientes e seguros com relação as suas opiniões, os participantes não possuem conhecimento e embasamento suficientes para fundamentar críticas e opiniões definitivas e

confiáveis com relação ao feminismo. Contudo esse quadro pode ser revertido buscando complementar o conhecimento que já possuem através de fontes mais seguras.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 207-228, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2008000100020>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- OLIVEIRA, L. P. R.; CASSAB, L. A. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3, 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf>. Acesso em: 29 maio 2016.
- COELHO, M. F. **Feminismo, gênero e violência contra a mulher: uma análise da produção teórica.** 2014. 99f. TCC (Graduação em Serviço Social) Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasília. 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11637/1/2014_MarinadeFigueiredoCoelho.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.
- CONCEIÇÃO, A. C. L. Teorias feministas: da "questão da mulher" ao enfoque de gênero. **RBSE**, v. 8, n. 24, p. 738-757, 2009.
- NASCIMENTO, L. C. S. **Essa ciranda não é minha só, é de todas nós: um estudo sobre feminismo, autonomia e consciência coletiva.** 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20174/1/LissaCrisnaraSilvaDoNascimento_DISSERT.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.
- SARTI, C. A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Pagu**, Campinas, n. 16, p. 31-48, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-8332001000100003&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 17 maio 2016.
- SILVA, E. R. Feminismo radical: pensamento e movimento. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3107/2445>>. Acesso em: 29 maio 2016.
- SOUZA, E. Bandeiras feministas na luta pela igualdade de gênero. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v.9, n.108, p. 111-119, 2010.
- SOUZA, I. A mulher e a Revolução Francesa: participação e frustração. **Revista da FARN**. Natal, v. 2, n. 2, p. 111-124, jan./jul. 2003.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.